

A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E MUNDO NO TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS

Pedro Henrique Lima Andrade (IC) e Roger Campato Fernandes (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar a relação entre mundo, linguagem e pensamento proposta por Ludwig Wittgenstein no *Tractatus Logico-Philosophicus*. A filosofia desenvolvida pelo autor neste livro pretende estabelecer as condições de possibilidade de formulação de enunciados verdadeiros e falsos. Pretendemos estabelecer quais seriam os limites da enunciação lógica dos fatos, ou seja, delimitar os limites do discurso factual. Para fundamentar tal tese, nos valeremos de três conceitos-chave presentes na obra do autor, sendo eles: a linguagem, o mundo e o pensamento. O mundo, segundo a perspectiva do filósofo austríaco, independe da vontade do sujeito, constituindo-se como uma contingência. A linguagem por sua vez teria a função de representar logicamente - por meio de signos perceptivelmente sensíveis - aquilo que ocorre enquanto fato. O *Tractatus* trabalha com a hipótese de que o mundo e a linguagem partilham de uma mesma estrutura; sendo assim, o mundo de certo modo determinaria os limites da linguagem. Ao compreender a relação estabelecida entre essas categorias, podemos trabalhar com a distinção daquilo que pode ser dito e daquilo que se mostra, para assim fundamentar quais são aquelas proposições dotadas de sentido e quais se constituem como contrassensos lógicos. Segundo a perspectiva adotada por Wittgenstein, proposições relacionadas à ética, estética e religião situar-se-iam para além dos limites da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem, Pensamento, Mundo, Filosofia.

ABSTRACT

This paper aims to analyse the relationship between world, language and thought proposed by Ludwig Wittgenstein in the *Tractatus Logico-Philosophicus*. The philosophy developed by the author in this book is intended to establish the conditions for the possibility of formulating true and false statements. We intend to establish what would be the limits of the logical enunciation of the facts, that is, to delimit the limits of the factual discourse. In order to support this thesis, we shall rely on three key concepts present in the author's work, namely: the language, world and thought. The world, from the perspective of the Austrian philosopher, is independent of the will of the subject, constituting itself a contingency. Language, in other hand, would have the function of logically representing - through perceptibly sensitive signs -

what happens as a fact. Tractatus works on the hypothesis that the world and language share the same structure; thus the world would somehow determine the limits of language. By understanding the relationship established between these categories, we can work with the distinction of what can be said and what is shown, in order to substantiate which are meaningful propositions and which constitute logical counter-senses. From Wittgenstein's perspective, propositions related to ethics, aesthetics, and religion would lie beyond the limits of language.

Keywords: Language, Thought, World, Philosophy .

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em elucidar a relação existente entre mundo e linguagem desenvolvida pelo filósofo Ludwig Wittgenstein no livro *Tractatus Logico-Philosophicus*. Nesta obra o autor pretende estabelecer as condições de possibilidade da formulação de enunciados verdadeiros ou falsos, demonstrando a natureza da representação do mundo, por meio da linguagem.

O que garante que o pensamento seja, *por princípio*, capaz de nos proporcionar um discurso verdadeiro sobre o mundo, um discurso que nos revele o que as coisas são, em si e por si mesmas? Dada a *forma essencial* do pensamento e do discurso racional, o que garante que o ser seja acessível a uma atividade definida por essa forma, e possa ser significado por um discurso dotado dessa forma? O que nos autoriza a excluir a hipótese da inadequação entre a estrutura essencial do pensamento e do discurso, que cabe à lógica investigar, e a estrutura essencial da realidade, num grau suficiente para inviabilizar a revelação de qualquer elemento da realidade por meio de um discurso racional? O que garante que o que quer que o pensamento possa apresentar como sendo a forma essencial do mundo não seja nada mais que uma projeção indevida de sua própria forma lógica? Em suma, o que garante a *harmonia formal* entre o pensamento e o ser? (SANTOS, 1996, p. 438)

É importante ressaltar que se convencionou dividir a obra de Wittgenstein em duas fases: a do “primeiro” Wittgenstein, representada justamente pelo *Tractatus*, livro que veio a público no ano de 1921, e a do “segundo” Wittgenstein, caracterizada pelas Investigações Filosóficas, escrito póstumo publicado em 1953. Apesar das inúmeras e significativas diferenças - o que permitiu aos intérpretes trabalharem com a hipótese da existência de rupturas -, em ambos os períodos, o objetivo principal do autor consiste em determinar a estrutura e os limites do pensamento. Para tanto, recorre a um método que se fundamenta na crítica da linguagem.

O primeiro Wittgenstein atribui à filosofia o propósito único de analisar proposições enunciativas, tomadas neste contexto como caso paradigmático. Como consequência necessária desta perspectiva, não caberia à filosofia propor enunciados verdadeiros, mas sim demonstrar como estes são possíveis. Formulações que remetem a pretensões essencialistas, tais como as encontradas no domínio da ética, da estética e da religião, situar-se-iam assim para além da finalidade que define o fazer filosófico. Em outros termos, não se trata da exclusão definitiva de tais questões, mas sim da demarcação de uma área de atuação legítima para a filosofia.

A crítica que incide sobre a linguagem no *Tractatus* pode também ser considerada como uma crítica indireta ao pensamento, uma vez que este depende daquela para se articular. Ao longo do livro, Wittgenstein formula uma teoria da linguagem respaldada na lógica. Por meio deste movimento, o autor visa compreender a natureza das proposições que

trazem consigo a possibilidade de expressar algo dotado de sentido, o que o leva a situar a ética, a religião e a estética para além dos limites da linguagem, já que elas não cumpririam as exigências que permitem a formulação de enunciados figurativos.

Wittgenstein sustenta no *Tractatus* que a linguagem possui limites que são impostos por uma estrutura interna. De acordo com o autor, trata-se da mesma estrutura do mundo, ou seja, há uma aposição entre o mundo e a linguagem, em razão de ambos possuírem um mesmo fundamento. Com base nisso, a relação que é estabelecida entre mundo e linguagem é figurativa. Em outros termos, eu o conheço através da linguagem. Isto só é possível em virtude de eles dividirem uma mesma estrutura, o que permite que a referência ao fato tenha uma objetividade linguística lógica.

O *Tractatus* pretende demonstrar que a maioria dos problemas concernentes à filosofia não passa na verdade de problemas causados pelo mau entendimento da lógica da nossa linguagem.

O livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem. Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente, e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar (WITTGENSTEIN, 2017, p. 125)

Wittgenstein por intermédio de sua obra passou a ser considerado como um dos principais expoentes do que se convencionou denominar “virada linguística na filosofia”. A mesma caracteriza-se por ser uma perspectiva que se contrapõe ao mentalismo, em especial às filosofias de Kant, Hegel e Descartes. O mentalismo pode ser definido pela análise das condições epistêmicas de produção do conhecimento centrada no plano da consciência, assumindo como foco as sensações, representações e juízos do sujeito. Em síntese, trata-se de uma abordagem centrada na relação entre representação e objeto, diferentemente da filosofia da linguagem, na qual é enfatizada a relação que se estabelece entre enunciado e fato. A filosofia da linguagem refere-se ao entendimento das condições necessárias para a enunciação de proposições verdadeiras, ou seja, a filosofia aqui se limitaria a uma crítica à linguagem, para delimitar o que de fato posso falar sobre o mundo.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Para compreendermos o pensamento do primeiro Wittgenstein, precisamos nos ater aos conceitos que norteiam o esclarecimento dessa relação entre mundo e linguagem, dentre eles: figuração, afiguração, mundo, realidade, pensamento e ética. Parte da obra se dedica à consideração referente a um sujeito lógico que formula, por intermédio do seu pensamento, proposições figurativas referentes ao mundo. Como fundamentação teórico-metodológica

pretendemos esclarecer três conceitos pertinentes na obra do autor: o mundo, a linguagem e o pensamento.

A concepção de linguagem do *Tractatus* diz que somente concebemos as coisas através da linguagem, na medida em que a linguagem nos oferece modelos de realidade ou ainda uma figuração daquilo que pode estar ocorrendo no mundo. A relação estabelecida entre linguagem e mundo determina os limites das formulações proposicionais. O *Tractatus* concebe o mundo como tudo aquilo que se manifesta, constituindo o mundo uma contingência. Tudo o que ocorre é a efetivação de possibilidade da ocorrência do contingente. O espaço lógico seria a condição de possibilidade para que o fato ocorra. Para que seja expressa uma proposição factual, o sujeito, por meio de signos perceptivelmente sensíveis, figura o fato. A linguagem, por compartilhar a mesma estrutura com o mundo, teria a finalidade lógica de representá-lo.

Wittgenstein compreende que o sujeito, ao exteriorizar um pensamento, executa uma proposição. O pensamento seria uma condição de possibilidade de figuração. O ato de pensar, por sua vez, consistiria no ato de figurar. Ao formular sua tese, o autor tem como referencial um sujeito lógico que firma contato com o mundo e fala sobre ele por meio de signos linguísticos. Ele figura aquilo que ocorre enquanto contingência.

O *Tractatus* não trabalha com o limite de um pensar subjetivo, mas sim com os limites de um pensar que possa ser considerado como objetivo. Este limite perpassa as relações que se estabelecem entre mundo e linguagem: aqui estamos tratando do limite daquilo que pode ser dito. Ressalta-se que não estamos tratando ainda de um sujeito que manifesta sua vontade perante o mundo, que se relaciona com ele por intermédio de sua prática.

Wittgenstein ao tratar do mundo afirma: “o mundo é tudo que é o caso” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 129). O mundo, segundo a perspectiva do autor, deve ser entendido como tudo aquilo que se manifesta. Ele é contingente, ou seja, independe da vontade humana. O mundo é. O caso é a totalidade de todos os fatos. Assim, de acordo com o filósofo austríaco, o mundo se resolve em fatos, tomados como a totalidade dos fenômenos que ocorrem efetivamente. Em suma, devemos entender o mundo à luz de uma perspectiva fenomênica, não sendo ele a totalidade dos objetos, muito menos das ações, mas sim a totalidade daquilo que ocorre. Com efeito, o mundo se resolve em fenômenos. Estes, que se dão de modo objetivo e não subjetivamente, são fatos da natureza que independem da vontade humana. Tal vontade não determina aquilo que é o fato, pois o mesmo é contingente.

Diante do exposto o que seria propriamente o caso? Wittgenstein afirma que “o que é o caso, o fato, é a existência de estado de coisas” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 129). O estado de coisas é a ligação que se dá entre os objetos, ou seja, eu tenho contato com o objeto por

meio de um fenômeno no qual este estabelece uma relação. O caso não pode ser um objeto simples. O objeto, ao se encontrar em um estado de coisas, necessariamente estabelece uma relação, seja esta com um sujeito, com outro objeto ou com a própria linguagem. Para o objeto ser parte constituinte do mundo, é essencial que ele tenha em si a possibilidade de estar em um estado de coisas. De outra maneira, todo fato seria mera casualidade, impossibilitando desta forma a lógica, pois a lógica não pode ser casual. Ela não trata do meramente possível, mas sim de todas as possibilidades efetivas. Ademais temos que o fato é a efetivação de uma possibilidade, ou seja, a ocorrência de um estado de coisas. Dado que Wittgenstein entende que o mundo é a totalidade dos fatos e não dos objetos, evidencia-se o conceito de estado de coisas proposto pelo autor. Um estado de coisas representa uma situação possível no mundo, ou seja, um estado de coisas é um modelo de realidade, uma possibilidade de um fato no mundo. O fato é um predicado da natureza que independe da vontade de um sujeito.

Uma discussão que surge a partir dessas formulações referentes ao caso diz respeito ao que seria a realidade. O filósofo austríaco afirma que *“a existência e a inexistência de estados de coisas é a realidade”* (WITTGENSTEIN, 2017, p.135). O interessante aqui é que no âmbito da realidade consideramos tanto os fatos positivos quanto os fatos negativos. Entendamos por fatos positivos todos aqueles que fazem referência ao caso, ou seja, àquilo que efetivamente ocorreu. No que diz respeito aos fatos negativos, temos todos os fatos que se dão como possibilidade, mas que não se efetivaram. Os fatos positivos são as efetivações da possibilidade, entre outras, de um estado de coisas, ou seja, o contingente, ao passo que os fatos negativos consistem em todas aquelas possibilidades intrínsecas à coisa, mas que não se efetivaram.

A diferença fundamental entre um fato e um estado de coisas possível é simplesmente esta: um fato é um estado de coisas efetivo, é o que acontece, é a verdade da proposição: “as coisas estão assim”, enquanto que no segundo caso não tenho mais do que uma possibilidade. A noção de “fato” implica necessariamente a verdade ou a falsidade da proposição, é uma instância posterior ao estado de coisas possível. Antes de a proposição ser verificada tudo o que tenho é um estado de coisas possível, a mera possibilidade de um fato, somente após conferir sua verdade é que tenho um fato. (CARMO, 2009, p. 27)

Neste contexto, seria lícito perguntar: o que eu poderia representar a respeito da realidade? A representação da realidade segundo Wittgenstein é dada pela figuração. Toda figuração é modelo da realidade. Ela é uma representação de uma situação possível ou do próprio mundo. Assim, é uma conjunção de signos linguísticos que dizem alguma coisa a respeito de algo. Representamos significativamente a realidade por meio de figuras linguísticas: palavras, sons, desenhos, etc. Através da linguagem é possível exprimir o fato ou falar da realidade, além, é claro, de exercer a comunicação com outros sujeitos.

A figuração deve ser entendida como a estrutura do fato. A figuração é um enunciado que ou é um fato positivo ou negativo, por ser a estrutura do fato, conseqüentemente ela terá a mesma estruturação do mundo. Ou seja, se no mundo há um espaço geográfico, temporal, climático e lógico, o enunciado conterá figuras capazes de expressar tais nuances. As figurações possuem um caráter de bipolaridade, que representa a possibilidade de uma proposição ser verdadeira ou falsa. Para que uma proposição tenha sentido, ela precisa comportar este caráter bipolar, pois a condição de sentido de um enunciado está na possibilidade de se figurar de forma verdadeira ou falsa uma situação possível no mundo. A verificação da veracidade de uma proposição está na correspondência que se estabelece entre o enunciado e o fato. A teoria de figuração demonstra os motivos que levaram Wittgenstein a sustentar a hipótese de que a linguagem e o mundo compartilhavam uma mesma estrutura.

No *Tractatus* a noção de figuração é importantíssima, porém o conceito de afiguração presente na obra merece uma atenção especial. Wittgenstein afirma:

“A figuração é um fato. Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras. Essa vinculação dos elementos chama-se estrutura, a possibilidade desta, sua forma de afiguração.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 137)

A afiguração se refere à relação que há entre o representado (afigurado) e o representante (figura). Ela “*é a possibilidade de que as coisas estejam umas para as outras tal como os elementos da figuração*” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 137). Toda figuração é a estrutura do fato, ou seja, a figuração é a externalização do caso. A afiguração é a possibilidade de representação. A afiguração é a forma lógica e a figuração é a representação afigurada.

A noção de afiguração é relevante, pois é por meio dela que a figuração toca a realidade. Assim a figuração tem traços da realidade e da afiguração. O que decorre disto é que por conta de os objetos necessariamente estarem em um estado de coisas eles se colocam também como possibilidade de afiguração. O resultado dessas afirmações resulta no caráter ontológico presente no *Tractatus*, pois se eu conheço um objeto, portanto conheço todas as possibilidades de seu aparecimento em estado de coisas.

Fica fácil agora perceber o que Wittgenstein quer dizer quando fala que “a figuração é um modelo de realidade” e que “os elementos da figuração substituem nela os objetos”. Desse modo, uma proposição somente poderá afigurar um estado de coisas se os seus elementos, a saber: os nomes, correspondem de alguma maneira aos elementos desse estado de coisas, a saber: os objetos. Os elementos da figuração devem funcionar como sucedâneos dos objetos. Uma figuração é composta de uma estrutura acompanhada de uma relação figurativa, ou seja, de duas relações, uma entre seus elementos e uma entre eles e a realidade. As correlações entre os

elementos da figuração e os elementos da situação que representa constituem aquilo que se conhece como “relação figurativa”, ou “relação pictórica”. Segundo Glock, essas correlações são como “antenas” que se projetam dos elementos da figuração, e que permitem à figuração ir até a realidade, ou em outras palavras, afigurar uma combinação particular de objetos. As correlações entre os elementos da figuração e dos elementos da situação representam o toque da linguagem na realidade. É através destas correlações que se projetam os nomes a seus correlatos, sentido à referência. (CARMO, 2009, p. 54)

Diante do exposto, poderíamos concluir que uma proposição é uma articulação lógica que representa verdadeira ou falsamente um fato. A condição de sentido de uma proposição é determinada por sua bipolaridade, no sentido de que podemos figurar proposições com sentido, sem necessariamente a associarmos a fatos, ou seja, é possível falar logicamente do mundo.

Entendida a relação que é estabelecida entre mundo e linguagem, nos resta analisar a categoria pensamento. A indagação norteadora desta categoria seria: como eu conseguiria exprimir meu pensamento? Ou mais do que isso: o que seria o pensamento? O autor diz que “a *figuração lógica dos fatos é o pensamento*” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 139). O ato de representarmos algo é o pensamento. O mesmo contém a possibilidade da situação que pensa, ou seja, aquilo que é possível. Uma vez que o pensamento é uma figuração lógica, não podemos pensar nada de ilógico.

Mas como explico meu pensamento? “*O sinal por meio do que exprimimos o pensamento chamo de sinal proposicional. E a proposição é o sinal proposicional em sua relação projetiva com o mundo*” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 141). A proposição é uma descrição de um estado de coisas, sendo assim ela é também uma figuração da realidade, pois está em uma relação de projeção do mundo para signos linguísticos. A proposição nada mais é do que a projeção da existência e inexistência do estado de coisa. O método de projeção consiste em pensar o sentido da proposição.

O pensamento é uma figuração lógica de um fato, de um estado de coisas. Ele é a exteriorização de uma situação possível do mundo ou propriamente dele. Exteriorização esta que é dada por intermédio de signos perceptivelmente sensíveis.

Segundo a concepção presente no *Tractatus*, não devemos compreender o pensamento enquanto uma entidade psicológica, mas sim como uma entidade projetiva. Para que ocorra uma figuração lógica, a relação estabelecida deve limitar-se à relação entre mundo e linguagem. O pensamento é uma condição de possibilidade para que o fato seja externalizado. Desse modo, o pensamento não é uma figuração abstrata, mas sim uma externalização de uma forma lógica.

Um sinal proposicional é o meio de expressão de um pensamento. Para tanto, é necessário um método de projeção, que consiste em pensar o sentido da proposição. Dessa forma, ao pensar o sentido da proposição, uma situação possível é projetada em um sinal proposicional. Este último, no entanto, não é uma proposição. Uma proposição só é instituída a partir do momento em que uma situação possível é projetada em um sinal proposicional, enfim, quando um sinal proposicional é pensado. A proposição, portanto, é o que resulta da relação entre sinal proposicional e método de projeção. Como afirma Wittgenstein, “À proposição pertence tudo que pertence à projeção; mas não o projetado. Portanto, a possibilidade do projetado, mas não ele próprio [...]” (WITTGENSTEIN, 1993, 3.13). Sem esta trama entre sinal proposicional e projeção não há proposição. Como um pensamento é uma figuração, a ele cabem tanto relações afigurantes quanto regras de projeção. As relações afigurantes garantem o contato com o mundo e as regras de projeção o contato com o sinal proposicional. É apenas porque existe um pensamento mediando o sinal proposicional e o mundo que é possível ao sinal proposicional figurar o mundo, pois, caso contrário, seria necessário que as relações afigurantes fossem projetadas a partir dos sinais proposicionais ou, mais propriamente, a partir dos símbolos. A partir da compreensão destas categorias, poderemos estabelecer quais são os limites da enunciação lógica dos fatos, para em um passo seguinte expormos as razões pelas quais as proposições éticas estariam para além dos limites da linguagem. (CORRÊA, 2009, p. 432)

Em síntese temos que proposições com sentido são aquelas que estabelecem uma relação com o mundo, porém as possibilidades das proposições são as mesmas possibilidades de ocorrência de fatos no mundo. Assim o limite da linguagem é determinado pelo limite da ocorrência de estados de coisas. O mundo, que é fenomênico, determina os limites da linguagem e o pensamento entra em voga na medida em que ele é condição de possibilidade de uma proposição

O mundo sendo determinado pela totalidade dos fatos se torna independente de nossa vontade. Por isso, Wittgenstein não tem por preocupação compreender a estrutura do nosso conhecimento, mas sim de compreender a estrutura do mundo, para assim determinar os limites da linguagem. Entendendo a estrutura do mundo, determinamos os limites daquilo que pode ser dito.

Concebendo a função da linguagem como de caráter figurativo (designativo), temos que o sentido de uma figuração proposicional consiste na possibilidade de que as coisas na realidade estejam dispostas da mesma maneira como se encontram representadas na proposição. Assim, os limites de sentido na linguagem são os limites das disposições possíveis das coisas. Wittgenstein afirma que “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 229). Por possuírem uma mesma estrutura, linguagem e mundo possuem um mesmo limite; a totalidade das formulações linguísticas é a totalidade de disposições de estados de coisas possíveis; o mundo determina o limite da linguagem.

Como consequência disto, temos que proposições concernentes à ética, à estética ou à religião estão para além da possibilidade lógica da linguagem, uma vez que elas não passam de contrassensos, pois careceriam de sentido, dado que não se demonstrariam no mundo.

As proposições do *Tractatus*, devidamente qualificadas como contrassensos, devem ser lidas como os degraus da escada que conduz à solução de todos os problemas filosóficos. Na verdade, trata-se de dissolver os supostos problemas filosóficos ao mostrar que eles não existem, ao menos não da forma como a filosofia tradicional os coloca. O que resta é a indicação ao leitor de que deve procurar por si mesmo aquilo que não pode ser dito nas proposições, mas se mostra. Afinal, o autor já dissera no Prefácio que o livro talvez só fosse entendido por quem já tivesse pensando por si mesmo o que nele é expresso. O *Tractatus*, então, prepara uma certa “experiência” metafísica é a experiência do mundo como totalidade limitada, como circunscrição de um espaço de possibilidades que definem sua face contingente. As balizas conduzem essa experiência não para os contrassensos filosóficos, mas para o misticismo. Não por acaso, o aforismo 6.522 diz: “Há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o Místico” (SEGATTO, 2011, p. 42)

O autor, ao trabalhar a relação entre mundo, linguagem e pensamento, tem o objetivo de demonstrar aquilo que pode ser dito, ou seja, os limites da linguagem. Dentro dessa proposta, não caberia à filosofia a discussão de assuntos que se encontram para além dos limites da linguagem. Por isso, a ética, estética e a religião situam-se fora dos limites proposicionais (o autor lida da mesma forma com estas dimensões).

Seria lícito questionar que sendo somente possível uma espécie de reconhecimento de enunciados factuais, ou seja, daqueles com sentido, apenas estes interessariam a nós? O que chama a atenção em relação a esta indagação é afirmação do autor: “*Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas não serão sequer tocados*” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 251). Observemos o apontamento do filósofo austríaco: ao formular toda sua teoria da figuração, que mostra os limites da linguagem enquanto ciência, considerando esta a detentora da possibilidade de falar sobre o fato, esta linguagem não importaria à vida, pois mesmo que sejam obtidas todas as resoluções concernentes à ciência, nossos problemas existenciais não serão nem sequer tocados. Conhecer todas as disposições de estados de coisas não alteraria em nada nossa vida. Wittgenstein nunca pretendeu defender um empirismo severo, embora muitos o interpretem desta forma. Além do mais, afirma que o sentido do *Tractatus* é ético. Em conversas sobre a obra com Ludwig von Ficker¹, ele diz:

Certamente o senhor não o entenderá; o argumento lhe parecerá de tudo estranho. Mas, na realidade, ele não lhe é estranho, porque o sentido do livro é um sentido ético. [...] Na verdade, recomendaria que o senhor lesse o prefácio e a conclusão, porque eles conduzem o sentido do livro à sua mais direta expressão (apud CARDOSO, 2005, p.128).

¹ Escritor e editor austríaco, fundador da revista *Der Brenner* (1910), publicação de suma importância para o pré-expressionismo alemão.

Conforme o exposto, o que Wittgenstein pretendeu com o *Tractatus* foi delimitar os campos de atuações legítimas atinentes a cada área, fazendo com que ao discutirmos certas categorias não confundamos o campo ao qual elas realmente pertencem. O discurso factual é regido pela lógica, pela relação entre enunciado e fato. Já a ética não pode ser pautada por tal relação.

O filósofo austríaco sustenta a tese de que “o sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 229). Dando continuidade a esta linha de raciocínio, afirma que “o eu filosófico não é o homem, não é o corpo humano, ou a alma humana, de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite – não uma parte – do mundo” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 231). Wittgenstein concebe o sujeito como o limite do mundo, porém também o concebe como ser transcendente, ou seja, ele é capaz de ir além dos limites da lógica da nossa linguagem.

Ao tratar dos limites da linguagem, o autor projeta um sujeito lógico que é o limite do mundo: aquele que fala sobre o mundo ao exteriorizar, por intermédio da linguagem, o seu pensamento. Ele somente formula proposições factuais, reduzindo-se a constatar aquilo que é contingente. Wittgenstein compreende que essa não é a única relação que estabelecemos com o mundo. O homem, ser que é dotado de vontade, se vale constantemente de construções linguísticas que se localizam para além dos enunciados factuais. O sujeito transcendental anunciado no *Tractatus* é aquele que vai além dos limites da linguagem, estabelecendo outras relações com o mundo.

A ética para Wittgenstein não constitui uma discussão marginal. Se fez necessário para fundamentá-la a superação da dicotomia entre a lógica e a ética, categorias pertencentes a campos distintos. A ética versa sobre uma atividade relacionada a um sujeito metafísico, que não estabelece uma relação figurativa com o mundo, mas que se impõe perante ele por intermédio de suas ações morais, pela manifestação de sua vontade.

Mas por qual razão Wittgenstein dedicou a maior parte do livro à lógica? Esta serviu como instrumento metodológico para fundamentar o que pode ser dito. Neste sentido, a ética pode ser caracterizada como uma espécie de consequência advinda dessas conclusões, pois não se situa na esfera do dizer, no âmbito daquilo que se deixa representar. Pelo contrário, ela apenas se deixa mostrar. Possuindo como fundamento a análise da proposição, ou seja, a crítica à linguagem, a perspectiva assumida por Wittgenstein estabelece que o dizível pertence ao campo da experiência, das proposições das ciências naturais, sendo que o sujeito que está aqui presente é aquele que é o limite do mundo. O sujeito transcendental estabelece relações com a ética, a estética e a religião, estas que não podem ser ditas, pois se mostram.

As conclusões que resultam dessas afirmações estabelecem que tudo aquilo que ultrapassou a fronteira do dizer, ou seja, das proposições factuais, carece de sentido, constituindo portando um contrassenso. Por seu turno, aquilo que se mostra não pode ser figurado por proposições factuais. A ética, estética e a religião deste modo não se manifestam no mundo.

Pela manifestação da vontade, estabelecemos novas relações. A relação até então estabelecida era entre enunciado e fato. Quando a transcendemos, nos relacionamos com o mundo por meio da nossa vontade.

Wittgenstein entende que a ética é transcendental. Ela transcende as proposições factuais. Não haveria relação entre o ético e o mundo, uma vez que o ético estaria numa instância superior aos fatos. Em síntese, a ética é independente daquilo que ocorre:

A ética é transcendente (TB 30.7.16), pois ela não pertence à ordem dos fatos, mas os transcende. A ética pertence a um domínio superior. Para o juízo ético, não é necessário que seja dado um mundo, pois a ética não depende do mundo dos fatos, mas da vontade metafísica portadora do bem e do mal, que não se encontra no mundo, mas é o seu limite. O mundo em si mesmo não é bom nem mau, bem e mal não são propriedades do mundo, mas predicados do sujeito (TB 2.8.16). «Bom e mau é essencialmente somente o Eu, não o mundo» (TB 5.8.16). Eis porque os valores não se encontram no mundo, «no mundo tudo é como é, e tudo acontece como acontece» (TLP 6.41a). Os valores entram no mundo a partir de fora, ou seja, a partir de uma vontade boa ou má que é a condição de possibilidade do meu mundo (TLP 6.41.6.43; TB 11.6.16; 2.8.16). Daí que, além de ser transcendente, a ética é também transcendental. (CARDOSO, 2015, p. 131)

Proposições éticas não estabelecem contato com o mundo fenomênico. Desta forma, não encontraríamos essência lógica em qualquer discurso ético. A ética é um predicado do sujeito e não do mundo. É transcendental, pois vai além dos limites impostos pela linguagem, estando localizada numa instância superior à esfera dos fatos, àquilo que constitui o mundo.

A ética mostra-se, pois está ligada diretamente à volição do sujeito. Na manifestação da vontade, há o estabelecimento de uma nova relação com o mundo. Ela deixa de ser figurativa, transcendendo o mundo contingente. Wittgenstein, ao tratar da sua concepção de mundo, relacionando-a com a vontade, afirma:

O mundo é independente de minha vontade. Ainda que tudo que desejássemos acontecesse, isso seria, por assim dizer, apenas uma graça do destino, pois não há nenhum vínculo lógico entre vontade e mundo que o garantisse, e o suposto vínculo físico, por seu lado, decerto não é algo que pudéssemos querer. Assim como há apenas necessidade lógica, há também apenas impossibilidade lógica. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 255 -257).

As palavras proferidas por Wittgenstein vêm ao encontro da afirmação de que uma proposição ética carece de sentido. Entendamos o papel que a linguagem desenvolve dentro do *Tractatus*: ela desempenha um papel figurativo (designativo), assumindo uma objetividade

lógica que independe do sujeito. Uma vez que o mundo independente de minha vontade, o fato ocorreria mesmo que eu não tivesse tido contato com ele. Desta forma, é impossível estabelecer um vínculo lógico entre vontade e mundo. Porém, há tanto possibilidade lógica quanto impossibilidade lógica. A primeira deve ser entendida como manifestação do contingente, ao passo que a segunda se refere à externalização da minha vontade. Vale ressaltar que em nenhum momento Wittgenstein afirma que proposições éticas não são dotadas de racionalidade. Elas não são dotadas de lógica, já que a concepção de lógica do autor perpassa o estabelecimento da relação entre enunciado e fato.

A vontade, entendida como manifestação do ente, em nada altera o mundo. Não há essência lógica na ética. Wittgenstein afirma que:

Da vontade como portadora do que é ético não se pode falar. E a vontade como fenômeno interessa apenas à psicologia. Se a boa ou má volição altera o mundo, só pode alterar os limites do mundo, não os fatos, não o que pode ser expressado pela linguagem. Em suma, o mundo deve então, com isso, tornar-se a rigor outro mundo. Deve, por assim dizer, minguar ou crescer com um todo. O mundo do feliz é um mundo diferente do mundo do infeliz. Como também o mundo, com a morte, não se altera, mas acaba. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 259).

Nestes termos, o autor compreende que o mundo é independente da minha vontade. Caso aquilo que eu deseje venha a ocorrer, este fato não passará de uma mera casualidade. Assim, a vontade enquanto fenômeno não interessaria à filosofia, mas sim à psicologia. Nenhuma proposição ética pode pertencer ao mundo, visto que está ligada à volição de um sujeito. O mundo é indiferente à ética. Não por acaso, para Wittgenstein, com a morte, o mundo não se altera, mas acaba. Tudo o mais permanece o mesmo.

A ética não possui uma essência que possa ser identificada no mundo. Por intermédio da linguagem designativa, não posso falar do que é ético. Pelo contrário, por meio dela só é possível afirmar o fato, pois não podemos estabelecer relação entre vontade e mundo. Há a impossibilidade de outorgar afirmações do tipo: este fato é ruim ou bom! A vontade não constitui um fato. Quando mediada, com um propósito factual, pela linguagem, a ética não passa de um contrassenso lógico.

Wittgenstein, em uma construção que se tornou célebre, afirma: “*sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar*” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 261). No *Tractatus*, podemos estabelecer quais são os campos destinados à discussão filosófica legítima e coerente. Por estarem além da lógica – e, deste modo, além da filosofia -, temas como religião e estética pertencem à instância do mostrar. Numa primeira leitura, podemos ser induzidos a concluir que Wittgenstein considera esta linguagem figurativa a única possível e, assim, relevante. Todavia, por meio de uma leitura mais atenta do texto, constatamos que a preocupação real do autor era com a ética, estética e religião.

Ao afirmar que “sobre aquilo que não pode se falar deve-se calar”, Wittgenstein pretende destacar que o que realmente importa e merece a devida atenção é aquilo que não podemos dizer, ou seja, aquilo que se mostra. O calar-se é uma forma de entendermos onde realmente se situam as discussões atinentes àquilo sobre o qual não se pode falar. A estética, a ética e a religião são os temas que realmente importam, porém não devem ser pautados pela lógica, pois são transcendentais.

Wittgenstein pretende formular que o mau uso de nossa linguagem perpassa todas as proposições éticas, religiosas e estéticas. Como mencionado, as proposições éticas carecem de sentido. Seguindo essa linha de raciocínio, essa carência de sentido constitui-se como a própria essência da ética, estética e religião. Estas pretendem ir para além do mundo. Ir para além do mundo, para o filósofo austríaco, é ir para além dos limites da linguagem.

No *Tractatus*, Wittgenstein delimita qual seria o campo preciso para a atuação legítima da filosofia, demonstrando que o indizível (o mostrar) é transcendental e o que homem é transcendente, devendo, por isso, ir além da nossa linguagem.

Em suma, temos que a ética, estética e religião são transcendentais aos fatos. As proposições só podem exprimir aquilo que é o fato, tanto a ética quanto a estética e a religião estão em áreas que transgridem a ordem dos fatos. Não estão dentro daquilo que se pode ser dito, mas sim se encontram dentro daquilo se mostra.

Wittgenstein, mesmo dedicando a maior parte do *Tractatus* à lógica e aos limites da linguagem, não entende que eles sejam o problema essencial da vida ou aquilo que move o indivíduo. O que realmente importa à vida é o ético, o estético e o religioso. No entanto, estabelece que estas categorias não pertencem à ciência empírica. Dado que não são fatos do mundo, elas não teriam outro lugar para estar a não ser para além dele. A linguagem, como condição de possibilidade de figuração, fala sobre o mundo, não sobre o ético, estético e religioso.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz de uma pesquisa de cunho bibliográfico, fundamentada na leitura de textos do autor e de comentadores, foi possível constatar que a concepção de linguagem estabelecida a partir do *Tractatus* compreende que as proposições dotadas de sentido são aquelas que figuram aquilo que é o caso. Como condição de possibilidade de figuração de um fato, os elementos presentes na proposição devem necessariamente possuir uma mesma estrutura lógica de um de estado de coisas. Sendo o estado de coisas uma situação possível de ocorrência de um fato. Ou seja, mundo e linguagem compartilham essencialmente uma mesma estrutura. O mundo, por sua vez, deve ser entendido por um viés fenomênico, que se resolve pela totalidade dos fatos e não dos objetos. Já o pensamento entra em voga nesta

relação entre enunciado e fato, na medida em que é condição de possibilidade para externalização do fato, ou seja, o ato de figurar é o ato de pensar.

A relação que é estabelecida entre linguagem, mundo e pensamento, segundo Wittgenstein, diz respeito a aquilo que pode ser dito. Por meio da compreensão da relação dessas categorias, determinamos os limites da ciência empírica, ou seja, do discurso factual. Já aquilo que se mostra -a ética, a estética e a religião - está para além dos limites das proposições factuais. Ao estabelecer o que pode ser dito, por intermédio do entendimento da estrutura do mundo e da linguagem é determinado aquilo sobre o que de fato posso falar.

A filosofia passa a ser uma elucidação lógica de pensamentos, entendidos aqui como proposições. A filosofia não é um corpo doutrinal, mas sim uma atividade. Uma atividade de tipo diferente da atividade da ciência, porém, isto não quer dizer que seja uma pseudoatividade, seu objetivo é, como afirma o filósofo: a clarificação lógica dos pensamentos. Trata-se de resolver a confusão que está contida nas tentativas ilegítimas de falar algo sobre o mundo. Esta confusão consiste no não entendimento da diferença entre o que pode ser dito e mostrado, entre o que só pode ser mostrado, e entre o que não pode ser dito nem mostrado. Uma vez captada esta diferença, as confusões podem ser resolvidas, usando-se de um simbolismo lógico adequado para exibir sua forma lógica. (CARMO, 2009, p. 71)

Wittgenstein jamais pretendeu rebaixar o fazer filosófico. Pelo contrário, sua pretensão no *Tractatus* foi a de nivelar o fazer científico e o fazer filosófico. Ao compreender a natureza da proposição, é demonstrado que diversos problemas que a tradição filosófica traz consigo nada mais são do que pseudoproblemas, uma vez que estes não levam a cabo a relação estabelecida entre enunciado e fato. A rigor, são problemas que decorrem da má compreensão da lógica da nossa linguagem.

A filosofia tem, a partir do *Tractatus*, um novo objeto: a análise crítica da linguagem. A filosofia legítima ocupa-se deste objeto. Os erros em que se encontraram os filósofos anteriores resultaram da incapacidade de compreender esta tarefa, uma falha que resultava na formulação de pseudoproposições irrespondíveis. A tarefa da filosofia não é tentar responder a essas questões, mas sim mostrar que elas ultrapassam os limites do sentido. Dessa forma, a única legítima tarefa da filosofia é analítica e elucidativa. Nem ambiciona a descoberta de novas verdades, nem tem em comum com a ciência os seus procedimentos metódicos. Seu objetivo é alcançar um ponto de vista lógico correto, uma compreensão daquilo que pode ser dito e de seus limites. (CARMO, 2009, p. 75)

O primeiro Wittgenstein, quando trata da ética, da estética e da religião, pretende formular a impossibilidade da compreensão totalizante das mesmas. Suas considerações demonstram que não é possível um entendimento dessas categorias por intermédio da lógica. Elas não constituem fatos. Sendo assim, não se dão nem a priori, nem a posteriori, pois não se demonstram no mundo.

O autor as estabelece como sendo contrassensos lógicos, ao relacionar estas categorias a um sujeito metafísico que se encontra para além da ordem dos fatos. Ao formular

sua teoria da figuração, propõe uma distinção entre o que pode ser dito e aquilo que se mostra, a fim de estabelecer os limites da linguagem.

Os limites da minha linguagem, constituindo os limites do meu mundo, fazem com que eu vá para além do mundo para compreender o ético, o estético e o religioso. Wittgenstein concebe o sujeito enquanto limite do mundo, porém estabelece que ele poder ir para além desses limites.

Os limites do mundo dizem respeito à ordem do discurso factual, daquilo que ocorre enquanto contingência e que independe da vontade do ente. O sujeito que está no limite é o sujeito lógico que se relaciona com o mundo somente por intermédio do seu pensamento, ou seja, o sujeito lógico somente figura o fato, porém este sujeito pode ir além dessa relação.

4. REFERÊNCIAS

CARDOSO, João Santos. Wittgenstein e a dimensão ética da linguagem. *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. Fortaleza: ITEP/ICRE, V. II, n. 1, Jan./Jun. 2005, p.152-178.

CARMO, Juliano Santos do. Linguagem e realidade no *Tractatus Logico-Philosophicus*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

CORRÊA, Rogério Saucedo. Pensamento e figuração no *Tractatus logico-philosophicus*. *Revista Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 425-435, jul./dez. 2009.

SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. A harmonia essencial. In: NOVAES, Adauto (org). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SEGATTO, Antonio Ianni. Wittgenstein e a questão da harmonia entre linguagem, pensamento e realidade. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2011.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2017. 3^o Impressão

Contatos:

pedroandrade090@gmail.com

roger.campato@mackenzie.br